

A presente edição segue a grafia do novo Acordo
Ortográfico da Língua Portuguesa

info@marcador.pt
www.marcador.pt
facebook.com/marcadoreditora

© 2015

Direitos reservados para Marcador Editora
uma empresa Editorial Presença,
Estrada das Palmeiras, 59
Queluz de Baixo
2730-132 Barcarena

© 1978, Carl Hanser Verlag München Wien

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal.
Publicado originalmente como *En Biodlares Död* por P. A. Norstedt
e Soners Forlag, Estocolmo, 1978.

Título original: *En Biodlares Död*

Título: *A Morte de um Apicultor*

Autor: Lars Gustafsson

Tradução: Afonso Cruz com Mélanie Wolfram

Revisão: Rui Augusto

Pré-impressão: Fotocompográfica, Lda.

Capa: Marina Costa / Marcador Editora

Imagem de capa: © Shutterstock

Fotografia do autor: © Annette Pohnert / Carl Hanser Verlag

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-754-055-4

Depósito legal: 397 984/15

1.ª edição: outubro de 2015

Crápulas! Algozes!
Principescos mestres da tortura!
Não compreendeis?
Vós que maneiais as tenazes
Nas brasas!
Eu não passo de um asno!
Com o coração e o grito de um asno!
Jamais me renderei!

(Quartos quentes e quartos frios, 1972)

PRELÚDIO:
UMA MANHÃ, NA MONTANHA DE CHISO,
O NARRADOR DESPEDE-SE

A luz do Sol ainda não tinha batido no fundo do desfiladeiro. Despertou-me o canto claro e estridente de uma carriça. O frio era cortante. Saí do saco-cama, encontrei os meus sapatos no escuro e libertei-me como pude do mosquiteiro.

Nessa altura, os primeiros raios de sol surgiram dos cumes a oriente, afiados como agulhas. Estreitei os olhos para olhar o perfil cerrado e imponente de Casa Grande.

A incrível luz que vinha dos cumes transformava a gigantesca parede rochosa numa fortaleza sombria de maiores dimensões do que aquelas que o homem faz erguer, uma muralha para anjos ou demónios que se viu abandonada por todo o seu exército.

Quando a luz chegou um pouco mais acima, os raios beijavam a outra muralha a ocidente, cujas colunas de grés, solitárias, se transformaram num órgão barroco, um instrumento de luz. Tudo vibrava nos tons vermelhos da rocha.

Ao som estridente do pássaro pousado nos catos disformes e ásperos junto ao caminho uniu-se então um estranho coro de vozes aladas: a do picancilho, a da pomba inca e o grasnar sardónico de corvos, negros e tenebrosos. Porém, dois enormes grifos mantinham-se silenciosos no topo do desfiladeiro, completamente imóveis, a duzentos metros acima de nós, por entre a brisa da manhã.

John Weinstock, professor de islandês antigo na Universidade de Austin e maratonista empedernido, com calções ruços e rotos, sentou-se junto ao fogareiro a álcool.

Estendeu-me um púcaro cheio de café amargo.

Findou-se a manhã. Dentro de poucas horas, a temperatura chegaria no desfiladeiro aos trinta, ou mesmo trinta e cinco graus. O planalto mexicano começava a aparecer no meio da neblina através da única abertura da cadeia montanhosa que permitia vê-lo: a «Janela».

Mais abaixo, do lado mexicano, devia estar muito mais quente. A planície estendia-se uns milhares de metros abaixo dos nossos pés. Estávamos numa manhã de outubro de 1974. Bebi o café amargo e quente. Via-se o rio Grande lá em baixo, como um ténue fio de prata reluzente, através da bruma solar.

Pensei:

É curioso. Não creio ter já muita vida espiritual. No meu interior, tudo parece claro, sereno e vazio. São as vozes dos pássaros, é a luz avermelhada contra essa parede de órgãos barrocos, é o sabor amargo, forte e puro do café sem açúcar. Mas nem uma amargura, recordação ou inquietude. Estou suspenso num giroscópio. Estou vazio, límpido e claro.

Talvez, por fim, tenha conseguido. Talvez, por narrar, me tenha libertado.

— *Would you like some more coffee?*

A tempestade abrandou. O vento já não sopra. Ou talvez seja eu que me movo por dentro à velocidade do vento e por isso já não o noto.

Amáveis leitores, curiosos leitores. Recomeçamos. Não nos rendemos. Iniciamos o quinto e último dos nossos cinco relatos. Como os velhos cães de caça de Västmanland perseguindo um alce, em pleno outubro, retomamos a pista que havíamos deixado e seguimo-la até alcançar a presa ensanguentada.

Recomeçamos. Estamos no princípio da primavera de 1975, a narração inicia-se precisamente com o degelo. O cenário é o Norte de Västmanland.

O antigo professor da escola primária de Väster Våla, chamado Lars Lennart Westin, reformou-se antecipadamente, aproveitando o facto de se ir demolir a escola da região, em Ennora, junto à margem norte do lago. Vive da venda do mel das suas abelhas e de alguns biscates. Depois de se divorciar, mudou-se para uma pequena quinta em Näset, a par das aldeias de Vretarna e Bodarna, mas, naturalmente, na margem leste do lago. Tem uma pequena horta, um batatal e um cão. Por vezes recebe visitas de familiares. Tem telefone, televisão e é assinante do *Västmanlands Läns Tidning*. Depois do divórcio, deixou praticamente de ter contacto com mulheres.

Westin não é muito velho. Nasceu a 17 de maio de 1936. Mas aparenta ter mais idade do que os seus quarenta anos. Está magro, gasto, com pouco cabelo. Usa óculos com aros finos de metal, que acentuam a impressão de esqualidez. Financeiramente, leva uma vida bastante humilde, mas isso não o preocupa.

As páginas que se seguem são as notas que ele próprio deixou. É efetivamente nesta primavera de

1975, no exato momento do degelo, que ele descobre que deixará de existir antes da chegada do outono. Tem um cancro mortal, tardiamente localizado no baço, com metástases nos tecidos circundantes.

A voz que ouvirão a seguir é a dele, não a minha, e por isso me despeço.

LISTA DAS FONTES

1. O Caderno Amarelo

Encontrado numa prateleira por cima do lava-loiça da cozinha. Liso, formato 16x6 cm, oitenta folhas, das quais setenta e seis estão escritas. A capa é amarela, com o logótipo da União Nacional de Apicultores Suecos.

Contém as anotações mais pessoais e as menos pessoais. Estas últimas incluem listas de despesas domésticas mensais, lembretes e notas de diversas medidas a tomar relativamente às colmeias. Destas, naturalmente, só incluiremos alguns exemplos.

Começado em fevereiro de 1970.

2. O Caderno Azul

Encontrado sobre os livros da última prateleira da estante. Formato A4, pautado, capa azul, na qual se lê, impresso, «Livraria Sjöbergs, Västerås». Tem cento e doze folhas, das quais noventa e sete estão completamente preenchidas de ambos os lados. Tem vários recortes de jornal colados, excertos das palestras de Westin e os seus próprios discursos. Começado não antes do verão de 1974.

3. O Caderno Rasgado

É um bloco de notas. A parte inferior da capa está rasgada. Impresso: QUEM LIGOU? Encontrado junto ao telefone, sobre uma mesinha, em frente ao lava-loiça da cozinha. Contém números de telefone locais, alguns também de outras zonas, e notas esporádicas sobre a progressão da doença.

Começado não antes de 1970.

1

A CARTA

... Soprava com força, e era um vento muito quente. Estávamos no final de agosto do ano passado. O cão havia escapado em correria, e eu saí para o apanhar, às onze da noite, receando que se perdesse. O céu estava coberto de nuvens, e a escuridão era tal que não se viam as copas das árvores, apesar de se ouvirem abanando ao vento. O mesmo vento, sempre igual, forte, estranhamente quente. Lembro-me de ter experimentado algo semelhante, mas não consigo precisar a altura exata.

Quando descia pelo caminho que levava a casa dos Sundblad, junto ao lago, inspirando o odor da água e ouvindo o bater das ondas na escuridão,

apercebi-me de uma rã muito pequena, que saltou por cima de um dos meus sapatos.

Fiz então algo que não fazia desde os anos cinquenta. Baixei-me rapidamente e juntei as mãos em concha sobre a berma húmida, um pouco à frente do lugar onde a rã deveria estar.

Este velho truque resulta sempre. A rã, que era muito pequena, saltou para as minhas mãos. Fechei-as em gaiola, para a aprisionar.

Ficou ali, completamente paralisada, e então afastei as mãos o máximo que pude para que tivesse mais espaço.

Fiquei quieto, com a rã presa na gaiola das minhas mãos, escutando o vento quente e obstinado que passava pelas árvores. Chegou-me às narinas o cheiro ácido dos pântanos que bordeavam o bosque circundante. Sentia-a claramente a tremer na sua gaiola.

E, de repente, urinou nas minhas mãos.

Penso que esta, de certo modo, terá sido uma experiência que poucas pessoas terão tido.

A urina de rã é fria como gelo. Fiquei tão admirado que abri as mãos e deixei-a escapar. E permaneci ali, encantado e emocionado, com o vento a soprar sobre mim, por entre as copas das árvores, e a mão fria por causa da urina da rã.

Recomeçamos. Não nos rendemos.

(Caderno Amarelo I:1)

Encontrei o cão em casa dos Sundblad. Passara ali toda a tarde; tinham-lhe dado biscoitos e água. O que mais me embaraçou foi que, quando o quis trazer de volta, ele se recusou. Resistia, fincava as patas no tapete da cozinha.

Que vergonha. Os Sundblad devem ter pensado que o trato tão mal que ele se nega a acompanhar-me de volta. Mas isso não é verdade.

É qualquer outra coisa, que no entanto não consigo explicar claramente. Diria que o cão, inexplicavelmente, ganhou medo, e é a terceira vez que acontece em apenas duas semanas. A verdade é que, nestes onze anos de convivência, sempre o tratei exatamente da mesma maneira. Por vezes, sou um

pouco mais duro com ele, mas jamais a ponto de o assustar. O cão conhece-me muito bem, já desde cachorro.

A única hipótese plausível é que está a envelhecer tanto que começam a produzir-se mudanças subtis nas suas memórias olfativas e, por causa disso, simplesmente não me reconhece.

Creio, além disso, que vê muito mal, apesar de a visão, para ele, não ser muito importante.

Certa vez, num inverno do início dos anos setenta, fui esquiar nas montanhas do lago de Marr. Ainda era, nessa altura, professor da velha escola primária de Ennora — antes de ter sido mudada para Fagersta —, e só podia esquiar aos sábados e aos domingos. Era um belo domingo de fevereiro, havia muita gente na pista, e, ao subir uma encosta, vi um velho com um anoraque azul a apenas trinta metros de distância.

O cão corria uns dois metros à minha frente, e só então deve ter visto o velho, ainda que, sem dúvida, já lhe sentira a presença vários quilómetros antes, sob a forma de perfil olfativo, uma eflorescência no cérebro.

O homem, que era realmente velho, afastou-se um pouco para o lado, para arranjar qualquer coisa ou simplesmente para me deixar passar, visto que estava quase em cima dele.

Mas, ao cão, não lhe ocorreu outra coisa que saltar na direção dele, quase o derrubando na pista!

Para o cão, aquele velho de azul não existia, a única coisa que existia era uma interessante eflorescência olfativa, que ele seguia e estava cada vez mais forte; assim, deixando-se guiar por ela, nem sequer levantou os olhos quando esteve prestes a atirar o homem ao chão.

Sem dúvida, é algo relacionado com o olfato. Não há nada a fazer. Sempre foi um bom cão, e espero que ainda viva muito tempo.

Não consigo compreender o que se passou. Portasse, na verdade, como se não me reconhecesse. Ou melhor: reconhece-me, mas a uma distância muito curta, quando me pode ver e ouvir sem ter de se guiar exclusivamente pelo olfato.

Claro que há ainda uma outra explicação, mas tão absurda que não a posso levar a sério.

Que eu, de repente, tenha mudado de cheiro, de uma maneira tão sutil que apenas o cão consiga perceber.

(Caderno Amarelo I:2)

Este outono, devia ter tratado de uma série de coisas nas colmeias: renovar os suportes de madeira, fazer entradas novas, reparar os caixilhos, colocar material isolante. Mas, sem que perceba porquê, acabei por não tratar de nada. Não consigo mesmo compreender a razão disso. Devo ter estado imensamente apático e passivo durante este outono. Felizmente, este inverno dá todos os indícios de vir a ser inusitadamente quente, a avaliar pelo tempo que temos agora, no final de janeiro. Chove durante dias seguidos, e eu fico na cama mais tempo do que é costume — aproveitando a escuridão do inverno —, apenas pelo prazer de ouvir a chuva bater no telhado.

Mas suponhamos que, de repente, começa o frio em fevereiro. O que farei, então? A madeira das colmeias ensopada e o cartão betumado do teto gretado

em vários sítios. As abelhas irão morrer de frio. E, como castigo da minha inércia no outono, perdi três ou quatro enxames.

Do ponto de vista económico, não me afeta muito, pois finalmente aumentaram o meu subsídio de habitação, mas são seres vivos que morrem, e isso, de certa maneira, custa-me um pouco.

Uma coisa curiosa, que contei há umas semanas ao Isacsson, de Ramnäs, ao telefone:

A morte de um enxame sente-se quase como a morte de um animal. É uma entidade que deixará saudades, como se fosse um cão, ou, pelo menos, um gato.

Mas a morte de uma abelha deixa-nos completamente indiferentes. Deitamo-la no lixo, e já está.

É curioso que a atitude das abelhas seja exatamente a mesma: um total desinteresse pela morte das outras, algo incomum noutras espécies animais. Se, ao colocar um caixilho na colmeia, esmagar uma ou duas abelhas, por descuido, as outras limitam-se a afastar os cadáveres, como se estes fossem máquinas avariadas. Mas primeiro preocupam-se com o mel, se o houver.